

OS PROFESSORES DO CAMPO E A SUA FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Baltazar Campos Cortez*
(UFPI, baltafirmativo@hotmail.com)

RESUMO

Por considerarmos viver numa sociedade do conhecimento, é que se entende que esta exige um educador qualificado e comprometido com os acontecimentos que ocorrem ao seu redor para que assim possa atuar de modo crítico e eficiente no espaço em que trabalha. A profissão docente não é somente a execução de um determinado trabalho, exige sim, todo um processo de formação e de qualificação, sendo que esta formação irá assumir um importante papel que ultrapassa os conhecimentos específicos para a concretização de inúmeras habilidades. É a partir deste pressuposto que o presente artigo manifesta a possibilidade de uma formação permanente dos professores do campo para que assim possam eles tornarem-se sujeitos e senhores de uma aprendizagem carregada de significações e de uma educação pautada na liberdade e na transformação do ser.

Palavras - Chave: Professores do campo. Prática sócio-educativa. Formação em exercício. Histórias de vida.

* Professor-Mestre em Educação pela UFPI, Professor Assistente da UFPI - Fundamentos Político-Educacionais da Educação, Pesquisador em Educação do Campo.

Compreendendo o nosso contexto histórico-cultural que a formação não considera os anos de escolarização, mas o conjunto das histórias de vida que o professor tenha vivenciado ao longo do seu percurso profissional é que parte-se daí para a construção da identidade do profissional, sendo esta construída e reconstruída continuamente, porque a cada período escolar este professor jamais será o mesmo, pois a sua identidade sempre se reconstrói, se reestrutura, sendo também a vida, um eterno reconstruir. Nóvoa (1992) ressalta,

Está em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista, à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional [...] a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1992, p.25).

A formação é sim um eterno processo constante em construção/desconstrução, constituído ao longo da existência, mas adquirindo um significado especial nos anos de escolarização. A formação está relacionada ao processo de construção, desconstrução e reconstrução das identidades das pessoas. Quando afirmamos que o professor nunca é o mesmo, que ele se transforma no interior das práticas cotidianas queremos dizer que é a sua identidade que está se reinventando a cada momento, dialeticamente. Às vezes, tais mudanças não são perceptíveis imediatamente, porque é como se a pessoa primeiro, necessitasse aceitá-las, para, em seguida, assimilá-las e assumí-las, conseguindo, portanto, conviver com sua nova identidade, que jamais estará pronta ou finalmente construída. A formação é um aspecto importante para a construção da identidade do professor e, ao passo que ela vai se modificando, a identidade também irá se modificar.

Henry Giroux e Peter McLaren (1994, p.128), enfatizam o quanto o processo educacional vivido pelos professores ainda é pouco considerado nas pesquisas que tratam sobre a construção da identidade profissional docente. Destacam que os programas de formação dificilmente estimulam os alunos a

construírem sua autonomia intelectual e profissional. Mas, é essa formação inicial que servirá de fundamentação possibilitando ao aluno entrar em contato direto com saberes próprios do seu novo mundo profissional. É ela que, em tese, deveria lhe oportunizar condições de melhor compreender as realidades que irão enfrentar. Mesmo diante da importância que tem os programas de formação para a construção das identidades docentes, os professores, isolados, não têm o papel de transformar as práticas pedagógicas na sua complexidade.

O problema da formação profissional depara-se diariamente com a realidade vivida pelos docentes no enfrentamento das diferentes situações que se apresentam no cotidiano escolar. Para Perrenoud (1999), a profissionalização deve oferecer os fundamentos necessários, isto é, as competências para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Porém, são as vivências diárias que exigirão destes profissionais para que assumam determinadas posições, que desenvolvam sua autonomia e possam fazer escolhas que lhes pareçam as mais apropriadas a cada momento, enfrentem desafios que surgem no dia-a-dia. Trata-se de uma realidade que lhes possibilitará “inventar suas próprias respostas” (1999, p. 138), e, para isso, precisarão buscar sempre novas referências que vão muito além das experiências e do aprendizado adquiridos durante os anos de formação profissional. O autor supracitado diz o seguinte:

Aparentemente, todas as críticas do sistema escolar são concentradas no mesmo bode expiatório: a formação de professores, que é considerado demasiado curta, inadequada, inadaptada, insuficiente, antiquada. Mas ela não merece nem este excesso de honra nem esta indignidade! [...] A formação de professores não pode ser um “deus ex machina”, um meio miraculoso que permitiria ultrapassar os limites e as contradições do sistema. (PERRENOUD, 1999, p.94-95).

No trabalho ora proposto, diferenciamos tais aspectos a partir das falas e dos depoimentos dos professores pesquisados, observando e investigando de que forma os cursos de formação influenciaram ou não influenciaram nas suas práticas sócio-educativas, bem como escolares na constituição das suas identidades. Percebemos tais aspectos na organização dos depoimentos aqui explicitados. Trata-se de ex-professores-formadores da antiga Escola Normal

Presidente Castelo Branco ex-alunos da referida escola e hoje professores na zona rural, bem como professores-formadores da Escola Lauro Machado Tôrres, instituição de ensino privado, na cidade de Teresina-PI, funcionando com cursos de formação de professores, através de parcerias e convênios firmados com Prefeituras Municipais do Piauí e Maranhão, no final dos anos 90, e do programa Proformação – curso de Formação de Professores Leigos em Exercício, implementado pelo MEC em 1999, em parceria com Prefeituras Municipais e Secretarias Estaduais de Educação do Norte-Nordeste e os professores-cursistas destas duas últimas instituições.

DEPOIMENTO 1

Eu sou a professora Durvalina Mendes Soares. Morava aqui em Oeiras. Sou formada pelo curso Magistério, em seguida formada em Letras/Português na UESPI. Vou fazer um breve relato da comunidade a qual hoje faço parte, como diretora da escola. Hoje estou morando na localidade. Sou casada. Sou concursada desde 1997, pela Secretaria Municipal de Educação a qual fui designada a trabalhar na comunidade Buriti do Rei. Quando lá cheguei, em 1998, encontrei uma comunidade em que os alunos eram totalmente desacreditados, taxados mesmo pelos pais e pelos professores de que não aprendiam, não sei por que, pela questão de os professores serem todos leigos. Até 1997 todos os professores eram leigos. Não tinham aquela didática, uma maneira pedagógica de como trabalhar com aqueles alunos rebeldes, indisciplinados e que procuramos na maioria do possível, trabalhar todas essas deficiências nesses alunos. A comunidade em si, naquela época, era uma comunidade que estava tentando enxergar de forma tanto na educação como na questão social mesmo, uma comunidade em que as pessoas procuram nos abraçar, porque não foi só eu, mas também duas colegas que passamos nesse concurso e lá chegamos. A partir daí, começamos, de fato, um trabalho que envolveu toda a comunidade para a questão de dizer: “_ah! Que meu aluno não aprende! Que meu aluno é burro!”. Era isso que os pais diziam, e de fato, graças a Deus, estamos aos poucos tentando mudar essa realidade. (Profª. Durvalina Mendes Soares – ex-aluna da Esc. Normal Loc. Buriti do Rei)

DEPOIMENTO 2

Eu acho assim é uma formação eu creio diferente das de antes, porque antes tinha aquela formação, aquela escola que se dizia tradicional, não é? Eu já sou eu creio que já sou, eu não, creio não, eu sou esse grupo de professores mais novos, que já tem o quê? Essa visão mais crítica de uma educação onde se volta totalmente para a realidade do aluno construtivista tem que se voltar para a realidade do aluno e procurar conhecer a vida do aluno para trabalhar em cima daquela realidade. (Profª. Gilcileide Gonçalves da Silva – Localidade Tamboril – Salinas)

Os depoimentos aqui exibidos pelas docentes Durvalina e Gilcileide, as duas formadas pela Escola Normal Presidente Castelo Branco – Oeiras-PI, professoras concursadas, afirmam nos seus depoimentos que a formação realizada no curso pedagógico lhes deu subsídios para trabalhar num projeto de educação voltado para o mundo urbano, todavia, buscaram a modificação das suas práticas pedagógicas na escola rural, evidenciando os alunos na diversidade dos seus contextos históricos e culturais.

Destaca-se, portanto, neste recorte, as possibilidades de transformação da realidade dos alunos no desenvolvimento das suas práticas escolares históricas e culturais com ênfase em aspectos inovadores. O trabalho pedagógico de muitos professores urbanos na identificação como rural manifestou-se como um dado comum. Mesmo não possuindo nenhuma preparação para trabalhar com este diferencial – a educação do campo, as professoras obtiveram êxito. Ocorreu, portanto, um encontro diferenciado, o qual, a partir de uma linguagem nova com metodologia inovadora foi a tônica de muitas revelações e modificações no cenário que ora se reconstituía.

Na verdade, tudo se modificou no cenário escolar e cultural da comunidade na qual a escola estava inserida, a começar pela sistemática de avaliação, bem como os novos recursos didático-pedagógicos utilizados pelas novas docentes que atuavam naquele contexto.

DEPOIMENTO 3

Eu fui convidada para auxiliar principalmente as professoras da Pré-escola e demonstrava saber assim um pouco como lidar com crianças, como planejar e aí fui chamada para coordenar a Pré-escola. Depois, eu fui trabalhar na própria Secretaria com o MOBREAL. Visitava as escolas do interior, tinha muito treinamento, tinha muita introdução de como trabalhar no MOBREAL. O objetivo do MOBREAL era realmente formar eleitores porque o próprio sistema exigia que o eleitor soubesse pelo menos fazer o nome. Então a gente trabalhava com o MOBREAL. Depois o MOBREAL foi extinto. Aí veio a Fundação Educar. O objetivo era bem maior. Era realmente formar cidadãos. Melhorar a qualidade da educação do país e essa Fundação Educar também teve muito estágio, muito treinamento, que isso me ajudou bastante. Eu aprendi muito com a Fundação Educar nos treinamentos que a gente tinha e com a prática, a gente passa tudo isso para os professores, nos centros de capacitação de professor. Depois, a Fundação foi extinta e eu fiquei realmente na Secretaria e aí eu fui ocupar realmente, trabalhar com a Pré-escola.

Depois com as escolas de 1º a 4ª série onde a gente fazia planejamento. Tinha jornadas pedagógicas e até mesmo a observação, onde a gente acompanhava e orientava sempre o professor para melhorar a sua prática, ajudar o aluno a se desenvolver. Esse foi o nosso trabalho durante 14 anos na Secretaria. Então, estar sempre ao lado do professor e buscando inovar a prática de ensino, da prática pedagógica, porque o maior objetivo da educação, se a gente não tiver modificando a prática, se a gente não tiver essa formação continuada a gente não vai pra lugar nenhum, porque se você acha que está formado, que não precisa mais ler, que não precisa mais estar buscando, é engano. O professor precisa modificar a sua prática e estar sempre atualizado e essa formação ela é eternamente. Se você não tiver esse projeto de formação continuada de buscar sempre, de inovar, você não faz uma educação de qualidade. (Profª. Eva de Holanda Moura – Ex-Coordenadora Pedagógica do MOBREAL, OME e FUNDAÇÃO EDUCAR – ex-professora Esc. Normal)

A professora Eva Holanda Moura, outro sujeito da nossa pesquisa é aqui apresentada considerando o nosso recorte cronológico 1970 – 2004. É nesse espaço que a professora surge no seu trabalho executando atividades pedagógicas do MOBREAL. São ações diferentes no sentido de atender a filosofia do MOBREAL na execução do projeto de alfabetização de adultos. Uma experiência que não deu certo, mais tarde constituindo-se na Fundação Educar que, no seu projeto, visava atender a educação pré-escolar. Já na atividade como coordenadora do OME, manifestam-se as primeiras idéias para a formação dos docentes leigos, uma possibilidade que se apresentou de modo ainda fragmentado e possibilitou a sistematização das primeiras políticas públicas voltadas para a educação do campo.

Os depoimentos das professoras Rita Campos e Maria do Espírito Santo Rêgo dão destaque do discurso em que foi a Escola Normal Presidente Castelo Branco, a grande fomentadora da formação de professores para atuarem em toda a região centro-sul do Estado do Piauí.

DEPOIMENTO 4

No dia 02 de março de 1956, às 15:30h, foi feito no Patronato de Nossa Senhora de Fátima, que ficava na rua Tanguitá; era uma casa que a diocese alugava para as freiras residirem. Então, lá funcionava o ginásio, porque o ginásio municipal estava sendo construído. Lá no ginásio municipal tinha duas salas de aula prontas. Lá estudavam os rapazes. As moças estudavam no colégio das feiras, depois que o ginásio foi pronto, todo mundo ficou lá no ginásio misto chamado. Mas a Escola Normal, quando terminou a 1ª turma do ginásio, os pais não

tinham condições, então, a diocese, juntamente com as freiras e a prefeitura, resolveram criar uma Escola Normal e foi criada no dia 02 de março de 1956. Na Rua do Tanguitá foi feita a 1ª sessão e começou já a funcionar a escola, porque aquelas pessoas que estavam lá o professor Leopoldo Portela que na época era Monsenhor Leopoldo, o padre Balduino, o doutor José Coelho Reis, Dona Nadir Campos, dona Amália Campos, quer dizer, essas pessoas, Dona Eva Feitosa e as freiras, elas comprometeram-se de dar aula. Então, eles já tinham noções, eram padres que viajaram, tinham estudos em Roma, eles já sabiam como era e só depois foi que a prefeitura criou, através de lei, já no mês de agosto, mas ela já vinha funcionando. A casa era de aluguel. Depois, a diocese comprou o Major Selemérico, e nós, eu estudei no Major Selemérico, eu fui da 9ª turma, quer dizer, estudamos até a 9ª turma, da 5ª até a 9ª turma foi no Major Selemérico. Depois do Major Selemérico ela foi estadualizada, e passou a funcionar lá no Ginásio Farmacêutico João Carvalho, que hoje é o Colégio Estadual. Mas não dava certo, porque ela não tinha casa, a Escola Normal, ficava bolando, esperando que aparecesse um prédio. Então, como o Ginásio Municipal foi encampado ao Ginásio Estadual, a Escola Normal, ficou funcionando no prédio que hoje funciona a Universidade, mas ali é o prédio da Escola Normal, que, na minha época, era Escola Normal Oficial de Oeiras, e quando passou para lá em 1970, os deputados, fizeram as leis. Ninguém sabe, porque o próprio diretor padre David, da época ele disse que não sabia, que ninguém foi consultado, os deputados, em homenagem ao Marechal Castelo Branco mudaram o nome da escola para Presidente Castelo Branco. (Profª. Maria do Espírito Santo Rêgo – professora aposentada da Escola Normal Presidente Castelo).

As apreciações e as explicações da professora Rita Campos demonstram o quanto foi importante a criação de um curso magistério para a cidade. O seu discurso assim atesta o que aqui afirmamos:

DEPOIMENTO 5

É claro que projeto maior que a sociedade queria era ter professores na cidade de Oeiras, formados. Que as moças da sociedade de Oeiras não saíssem para estudar fora, mas que aqui tivessem o seu curso de formar professores, trabalhasse na sua comunidade ao lado da família, contribuindo para o desenvolvimento da sua terra. No primeiro momento mesmo o anseio popular era esse. Os professores, de princípio, também era esse, de formação de mão-de-obra que precisava naquela época e também segurar suas filhas [risos] mais dentro de casa, como eles falavam. Aquilo ali foi interessante, porque foi atingido em cheio porque receberam o quê? Uma formação religiosa muita das vezes repressiva. Na verdade, eu participei desse processo de muita repressão, de tudo ser pecado, etc.[...] Em que modelos eram apresentados para nós? Então, deu-se aquela formação que os valores também morais eram muito bem trabalhados. É bem verdade, os valores religiosos e morais eram os principais dessa escola que queria formar professores como missionários da educação, como os sacerdotes, como a educação vista apenas por aquele lado de sacerdócio, e que caiu em nós em cheio.

Que visão nós tínhamos nesse sertão a não ser essa mesma? Então, nos encheu de conteúdos, de conhecimentos gerais, muito deles também nem tinha muito a ver com o processo educativo, porque, com isso, nós não estudávamos uma psicologia voltada para a criança, uma filosofia, uma história da educação. Mas, na verdade, a gente tinha aulas de muito conhecimento geral sobre as coisas, sobre os costumes. A ética era muito enfatizada em todas as nossas aulas. Foi uma coisa muito importante na formação nossa e que a gente sente muita falta hoje em dia, em todos os cursos. Até hoje dentro das nossas universidades, a ética é uma coisa que se vive, que se pratica, mas não como quando está se vendo. Isso é necessário até que se dê cursos, já imaginou? E mesmo assim, eu acho que já está sentindo o efeito professoral. Veja bem, aquilo ali foi importante para o estudo. Os conteúdos programáticos eram feitos à vontade do professor, do livro didático dele. Muita teoria, tudo à base de anotações, sem um posicionamento crítico por parte dos mestres e dos próprios alunos-mestres. Nós gostávamos tanto desse tempo feliz. Quando dizia isso, eu mesma ficava muito cheia, a gente via que tinha muito ideal, os professores tinham muito ideal e muita responsabilidade. A maioria deles com formação acadêmica mas sem nenhum preparo pedagógico. O estagio, nós tivemos uma semana em todo o curso. Foi muito pouco, com aquilo que a gente recebeu com tanta responsabilidade, com tanto ideal, com tanta expectativa de uma sociedade. A Escola Normal começou a mudar essa prática mesmo de maneira contundente da gente sentir, na década de 70[...]. (Prof^a. Rita de Cássia Campos – ex-diretora da Escola Normal Presidente Castelo Branco)

O recorte cronológico aqui destacado, manifestou a importância e o valor que a Escola Normal possuía para aquele território, como agência formadora e preparadora da mão-de-obra que passava a atuar de modo eficaz e modernizante na implementação do novo modo de ensinar e de fazer escola, deste modo, orientadas pela LDB 5.692/71, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O histórico da Escola Normal Presidente Castelo Branco é bastante amplo, apresentando-se com várias denominações. Primeiro Escola Normal São José, em seguida, Escola Normal de Oeiras e depois, Escola Normal Oficial de Oeiras sendo mais tarde denominada, Escola Normal Presidente Castelo Branco. Foi inaugurada no dia 02 de março de 1956, sob as orientações da então Diocese de Oeiras, na responsabilidade da Congregação Religiosa das Filhas de Santa Teresa.

O caráter evidentemente confessional daquela instituição mostra a rigidez da formação daqueles professores. A orientação recebida pelas educandas era no sentido de apresentar o magistério como um sacerdócio, vocação, e necessariamente um curso voltado para a classe feminina.

Os anos 1970 e 1980 marcam e consagram Escola Normal de Oeiras como a grande articuladora do processo de formação dos professores para a cidade de Oeiras e para toda região adjacente.

A grande procura pelo curso magistério ocasionou, mais tarde, num grande contingente de mão-de-obra desempregada, pois o mercado não conseguia absorver tamanha demanda.

Hoje extinta, as suas instalações físicas cedem lugar para o funcionamento da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, a qual também desenvolve um projeto educacional de formação de professores a nível de licenciaturas – Letras/Português, Matemática, Pedagogia e História, ocasionando o mesmo dilema da antiga Escola Normal, o mercado de trabalho não consegue absorver a demanda da instituição.

Expressamos, a partir dos depoimentos apresentados pelos professores, que não se trata apenas de uma empiria e de trajetórias profissionais. É mais do que isso, é algo que se identifica com a alma de um educador, como desejo próprio de quem gosta de dar aulas ou de quem gostava de dar aulas. Para Perrenoud (1999, p. 38) “Em variadíssimas situações, a ação do professor não é a concretização de um esquema codificado, de uma representação consciente do que ‘é conveniente fazer’ nesta ou naquela situação. Por quê? Porque o professor não tem na memória, no momento desejado a receita certa no seu ‘livro de cozinha’ interior”.

Para Perrenoud, a noção de habitus, elaborada por Bordieu:

Permite articular consciência e inconsciência, razão e outras motivações, decisões e rotinas, improvisação e regularidades. O habitus é a ‘gramática geradora das práticas’, o sistema de esquemas que orientam tanto a improvisação (na ilusão da espontaneidade) como a ação planificada, tanto a evidencia como a duvida metódica, tanto a invenção de novas estratégias como a concretização de idéias e receitas, tanto as condutas inconscientes ou rotineiras como as decisões. (Ibidem, p. 24).

Aqui, a noção de Habitus está relacionado com o conceito de identidade profissional docente. É nesta miscelânea de ações conscientes e inconscientes que as escolhas são determinantes. O autor ora citado considera que: “A prática pedagógica de sala de aula não é a concretização de uma teoria, nem mesmo de regras de ações ou de recitas. Ela é mais do que isso, e a sua própria concretização está subordinada ao funcionamento do sistema de esquemas geradores de decisões” (Ibidem, p. 40).

As análises realizadas à luz das falas dos sujeitos aqui apresentadas, dão a certeza da modificação dos hábitos e mudanças ocorridas no interior da escola. Ressalta-se também a influência dos currículos e programas implementados ao longo desse percurso histórico. Todavia, não é propósito deste trabalho, deter-se sobre a análise dos currículos dos cursos de formação de professores, e evidenciando a formação do profissional, isto torna-se elemento, de grande riqueza empírica e teórica para estudos posteriores. Destaca-se e atesta-se que tais propostas curriculares tiveram um valor enorme para a configuração dos novos sujeitos que passaram a atuar na nova sociedade em desenvolvimento.

A formação docente ocorrida ao longo dos anos em curso contribuíram, destarte para a instrumentação e objetivação das novas competências e saberes pedagógicos para configurar o novo homem da nova sociedade plural, democrática, diversa e inclusiva.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed. ver. e atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, Nilda (org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2004 – (Questões da nossa época, 1).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: CIA das letras, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

FAZENDA, Ivani Catarina A. **Educação no Brasil nos anos 60**: o pacto do silêncio: São Paulo: Edições Loyola, 1988 – Coleção Educar

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí Republicano**. Teresina, 1996.

GOMES, Angel Pérez. O pensamento prático do professor profissional reflexivo. In: **Os professores e sua formação**. Coordenação Antonio Nóvoa, Lisboa: Dom Quixote, 1995.

RODRIGUES, José Ribamar Torres. **Educação além do asfalto**: um estudo sobre concepções e práticas do professor leigo rural. Teresina: EDUFPI, 1999.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN/CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2000.

TERRIEN, Jacques e DAMASCENDO, Maria Nobre. **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993.